FUNDO
FALSO

Mônica de Aquino

Relicário

FUNDO FALSO

Para Gustavo, que é também minha casa.

Aos meus pais:
novelo que nunca termina de se desfiar.

Hoje inaugurou-se
um segredo.

Tão pessoal
que incomunicável.

Por isso mesmo
falso.

este é o ponto em que a linguagem falha o ponto em que estrelas falam
o insondável silêncio entre uma estrela e outra

Annita Costa Malufe

RETORNO À CAIXA DE COSTURAS

Conheci, em 2013, a primeira versão deste *Fundo falso*, que Mônica de Aquino nos apresenta revisto e ampliado. Regressar a esses poemas é como reabrir uma caixa de costuras: conhece-se os objetos e as suas funções, porém, as peças que surgirão do alinhavado e do cerzimento restam incógnitas, em pungente estado de surpresa. É isso o que ocorre nessa edição: o que era uma coletânea com relativa unidade entre os poemas, tornou-se uma estrutura mais complexa, que funciona, simultaneamente, como um livro de livros (subdividido em sete partes que guardam autonomia entre si e entre os textos que as constituem) e como um livro constituído por sete poemas longos, cada qual centrado sobre um eixo temático específico.

Em *Fundo falso* se destacam duas coordenadas de acesso a uma paisagem poética que filtra os apelos da afetividade através de uma cuidadosa operação reflexiva. Trata-se, inicialmente, da evidência de um método de escrita que permite à poeta apreciar o seu processo de criação. Esse

processo surge, na teia do texto, menos como dádiva e mais como uma conquista decorrente do "aprendizado da lavra" na terra, na pedra, no corpo, na palavra e na experiência de vida. O apuro desse método resulta numa poética que, por um lado, indaga sobre a constituição do sujeito, rompendo com a prática desgastada de confissão sobre os atos desse mesmo sujeito; e, por outro, numa série de poemas vinculados não à beleza encenada pelos jogos de palavras e imagens, mas à perquirição sobre as possibilidades do belo que não se revela no seu todo.

Pari passu, Mônica de Aquino elege a linguagem como o cerne dos poemas, considerando-a como uma força capaz de sobreviver à impermanência dos fatos. Em razão disso, detecta-se uma variação nos modos como a linguagem, elemento estruturante do livro, se afirma. Pode-se captá-la, incialmente, como um valor inalienável, que permite ao sujeito apreender as suas contradições. Essa perspectiva aparece sintetizada por uma voz poética sóbria que pretende "Recriar-se inexata sem simetria" ("Penélope insone"). Sob outro ângulo, a linguagem se instaura como um vetor de morte e de renascimento. A partir dela, costura-se uma poética tensionada,

segundo a qual o eu (Penélope) é uma constelação de outros/outras. A recusa das fontes consagradas vem a ser, nesse momento, o motor para a renovação das identidades. Por isso, sinaliza a voz poética: "recusa o passado seus retalhos / prefere o que ainda não aconteceu / enquanto pensa: Ulisses, agora, sou eu." ("Penélope insone").

Há que se ressaltar, em *Fundo falso*, a presença da linguagem-práxis, avessa aos jogos e às quimeras que ofuscam o núcleo de um certo sentido. Em "A dor como método" a linguagem é o ato ríspido, incisivo que, tendo cumprido sua tarefa, não nos lega mais que uma "mínima cicatriz". Por vezes, mesmo estendida, essa linguagem se esgota "Na liquidez do instante" ("Água-forte"). Ou, ainda que transformada em objeto propício para durar, essa linguagem rasga a si mesma para "ser mínima" ("Corpo sem pausa").

As coordenadas acima, se consideradas, demonstram que *Fundo falso* é um livro de uma beleza radical por questionar — sob o véu de uma lembrança ou de um gesto — a arquitetura da linguagem que mobiliza. Com maior ou menor evidência, os poemas dessacralizam os ritos de inserção do sujeito no mundo e o desafiam a falar de si, enquanto recupera as memórias de uma

provável coletividade. É aí, nesse cruzamento de pontos, que Mônica de Aquino consegue cerzir um corpo poético que — sem rejeitar a exibição das lutas da poeta na tela do poema — aponta para o embate solitário do sujeito com a linguagem como origem do que fomos e ainda seremos. Antes que se pense, aqui, numa poética que abdica da esperança, vale assinalar que o rigor adotado por Mônica de Aquino dialoga com um cenário pleno, formado pela natureza e pelo envolvimento do clã com seres pulsantes intimamente relacionados à nossa humanidade. O mais, a ser desvendado pelas leitoras e leitores deste livro, reforçará a justa atenção que merece, desde a edição de *Sístole* (2005), a poética de Mônica de Aquino.

Edimilson de Almeida Pereira
Juiz de Fora, verão de 2018